

UM PANORAMA DAS ANTOLOGIAS POÉTICAS DA REVISTA CULT EM FORMATO DE REVISTA

FRANCIELLE TIMOTHEO VILLAÇA *

WILBERTH CLAYTHON FERREIRA SALGUEIRO **

RESUMO

Considerando a organização de antologias como um dos gestos críticos possíveis dentro do jornalismo cultural, o presente artigo se debruça sobre as antologias em formato de revista publicadas pela *Cult*, sendo elas: *Poemas para ler antes das notícias* (2019), *Quando a delicadeza é uma afronta* (2019), *Poemas para fazer o luto desse tempo* (2020) e *Sob um sol escuro também se escreve* (2021). Sendo cada uma organizada por um poeta/antologista distinto, a coleção de revistas se insere dentro de um universo maior de antologias que aparecem como intervenções no cenário político recente, a despeito de – nesse caso – terem um interesse político comum.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia brasileira. Antologias.

SOBRE A REVISTA CULT: APROXIMAÇÕES ENTRE JORNALISMO E LITERATURA

A revista *Cult* é uma conhecida revista brasileira de cultura que está em circulação desde 1997 – somando, então, mais de duas décadas de existência com publicações mensais voltadas para as áreas de artes e ciências humanas. Em seu site oficial, na aba

* Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e Graduada no curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas da Língua Portuguesa pela mesma instituição. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Reside em Vila Velha, Espírito Santo, Brasil. E-mail: francielletvillaca@gmail.com. Orcid: 0009-0002-0221-5040.

** Professor titular de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Reside em Vitória, Espírito Santo, Brasil. Email: wilberthcfs@gmail.com. Orcid: 0000-0003-3817-4738.

“Sobre”, a revista se apresenta como uma publicação de “arte, cultura, filosofia, literatura e ciências humanas”, e é conhecida por possuir independência editorial, o que, na prática, significa ter liberdade para abordar temas pouco ou nunca eleitos pelo jornalismo cultural hegemônico. Ainda na descrição da revista em seu site, é posto que “A inventividade e, muitas vezes, o ineditismo na abordagem dos assuntos exigem em contrapartida a redação de textos longos, densos e com um nível de profundidade cada vez mais raro no mercado editorial – escritos por renomados intelectuais ligados à vida acadêmica e jornalistas de sólida trajetória profissional”. Fica claro, então, lendo o site e as próprias revistas, que ela se apresenta como uma publicação alternativa que estabelece um forte vínculo com as universidades e centros culturais, proporcionando debates e discussões que não estão postos com facilidade na mídia tradicional.

Cláudia Nina, em *Literatura nos jornais: a crítica literária dos rodapés às resenhas* (2006) discute sobre os lugares possíveis da literatura no jornalismo cultural. A autora argumenta que a simbiose entre literatura e jornalismo é antiga, e pode ser ilustrada de diferentes formas: seja pelos romances publicados inteiramente em folhetins de jornais ou ainda pela recorrência de escritores que ao longo da história escreveram para jornais e que, por consequência, tiveram suas obras atravessadas pela escrita jornalística. Clarice Lispector – para ficarmos só com um exemplo – teve a sua trajetória como escritora marcada pela presença expressiva como cronista na imprensa carioca (BARRETO, 2008). A própria gênese do jornalismo no Brasil – que remete a meados do século XIX – foi marcada pela presença de escritores que escreviam para os jornais, uma vez que não havia ainda uma formação de jornalistas no país (NINA, 2006).

Como podemos ver, literatura e jornalismo estabeleceram entre si uma relação de longa data. Hoje, já com os contornos bem mais definidos entre as duas áreas, cabe a reflexão sobre o espaço da crítica literária dentro dos jornais. Resenhas, rodapés, suplementos literários são gestos críticos possíveis dentro da prática jornalística que perduram até hoje. Entre 2019 e 2021, a revista *Cult* lançou quatro *Antologias Poéticas* que possuem entre si uma proposta editorial e gráfica que se mantém desde o primeiro até o último volume. A elaboração de antologias pode ser vista, portanto, como um caminho possível adotado pela revista para dar corpo a tarefa de fazer crítica literária. Neste caso específico, a crítica é direcionada à poesia brasileira contemporânea, de menor acesso e circulação, e politicamente interessada, já antecipando as características compartilhadas pela grande maioria de poemas e poetas reunidos no quarteto em questão.

A Cult ganha notoriedade no que diz respeito à preocupação em abordar assuntos ligados ao mundo da literatura, uma vez que esse esforço é feito desde a sua fundação, com a publicação de suas primeiras edições impressas. Basta um olhar retrospectivo para as primeiras edições da revista que tal argumento se solidifica: a terceira edição impressa estampou na capa o poeta Ferreira Gullar; a quarta, Arnaldo Antunes; a quinta, Clarice Lispector. Lançadas em 1997, primeiro ano de existência da revista, essas publicações inauguraram uma tendência que se estende até edições mais recentes: a edição número 264, por exemplo, publicada em dezembro de 2020, trouxe mais uma vez a escritora Clarice Lispector como protagonista da capa (além de, é claro, trazê-la também como tema principal de muitos textos que compõem essa edição da revista).

No *site* da Cult também é possível encontrar artigos e colunas assinados por escritores brasileiros. Antes da publicação das *Antologias Poéticas* – o *corpus* deste estudo –, algumas outras iniciativas já haviam sido lançadas pela revista e, de maneira semelhante, acenavam para o desejo de contribuir com a leitura e a divulgação da poesia contemporânea. Alberto Pucheu, responsável pela organização do primeiro volume da *Antologia poética*, assinou um blog no *site*, intitulado *O cuidado da poesia - poemas do e para o nosso tempo* e também organizou a antologia de poesia contemporânea contida no dossiê *Poemas para o nosso tempo*. A publicação das *Antologias Poéticas*, iniciada com o lançamento do primeiro volume em 2019, aparece como uma decisão editorial conectada com a tarefa de divulgar a poesia contemporânea brasileira, que, por sua vez, conecta-se com a preocupação de ser uma revista de cultura que oferta reflexões sobre a literatura brasileira.

Dito isso, o presente estudo se debruça sobre a hipótese de que o quarteto de antologias publicadas pela revista pode ser lido como um possível gesto de crítica literária dentro do jornalismo cultural. Mais especificamente, de crítica de poesia. Para entender tal fenômeno, urge lançar sob as revistas uma visão panorâmica.

SOBRE AS ANTOLOGIAS POÉTICAS DA REVISTA CULT: UM PANORAMA POÉTICO E POLÍTICO

Como sugere a etimologia, “a palavra antologia possui origem grega e significa “ação de colher flores, coleção de flores escolhidas; florilégio, coleção de textos em prosa e/ou em verso, geralmente de autores consagrados, organizados segundo tema, época, autoria etc.” (TONON, 2009 (HOUAISS, 2001, p. 239)). Em 2019, foi lançada a primeira das quatro

antologias que seriam publicadas, até agora, em formato de revista pela editora Cult. No entanto, a ideia de consagração que tradicionalmente permeia as antologias de poesia brasileira é dispensada na elaboração do quarteto em questão. Isso porque se trata muito mais de uma preocupação de *reunir* do que de fazer da antologia um pódio ou *ranking* de certos autores. Tal leitura pode ser justificada pela numerosa quantidade de poetas que são escolhidos, pelo gesto marcado pela transparência em relação às escolhas feitas e não feitas expressas pelos organizadores nos textos que perambulam as revistas, e, sobretudo, pelo modo complementar com o qual os volumes das antologias interagem entre si.

Poemas para ler antes das notícias (2019) foi a primeira antologia de poesia publicada e distribuída pela Cult, em julho de 2019, em formato de revista impressa. Como é de se esperar de uma antologia, ela é constituída a partir de um movimento curatorial, em que uma pessoa, o curador, é responsável por julgar, escolher, incluir (e, no mesmo gesto, excluir) determinados textos a partir de uma série de critérios e valores. Na primeira edição da revista, essa tarefa ficou nas mãos de Alberto Pucheu, professor da UFRJ e estudioso da poesia brasileira, enquanto o projeto gráfico ficou por conta do diretor de arte Fernando Saraiva. No “Editorial”, Pucheu divide com o leitor, com transparência, alguns dos critérios que orientaram a curadoria da antologia. Primeiro, alguns critérios políticos, que deixam clara a sua orientação ideológica, e, por extensão, do agrupamento de poemas escolhidos:

Esta reunião de poemas tem um pressuposto nítido a dar consistência ao corte realizado: o de optar por poemas que, dialogando de maneira explícita com o nosso tempo, desejam, declaradamente, intervir nele, como uma contrapolítica ao imperante ou como uma política que todos deveriam escutar, pois há muito que a política tem a aprender com a poesia. (PUCHEU, 2019, p. 4)

Elisa Helena Tonon (2009, p. 21), em sua dissertação *Configurações do presente: crítica e mito nas antologias de poesia*, aponta para o caráter essencialmente parcial e não-totalizador do objeto antologia: “Se, como afirmam os discursos que acompanham as antologias, não se pode estabelecer características unívocas à produção poética que reúnem, por outro lado é possível detectar uma atitude crítica comum na própria

constituição do objeto-antologia em cada uma delas”. Ainda que seja de consenso o fato de que uma antologia pode ser lida como um mosaico híbrido, heterogêneo – na medida em que seu objetivo é justamente reunir produções díspares entre si –, o fio condutor de cada uma dessas produções está no agrupamento em si, no próprio ato de reunir. É nesse sentido, portanto, que o texto do curador da revista evidencia a postura crítica da antologia e permite ao leitor abrir a leitura com o conhecimento dela.

O próprio título escolhido para a primeira das *Antologias poéticas, Poemas para ler antes das notícias* (2019), sugere, já de início, alguma relação entre poesia e mundo. De que maneira os poemas podem nos preparar para as notícias, ou mesmo, antecipá-las? Antes de encarar o mundo é preciso encarar a elaboração poética desse mundo? Essas são algumas questões que nos acompanham durante a leitura dos 32 poemas de 32 autores distintos (um poema para cada poeta), presentes na revista: André Luiz Pinto, Tatiana Pequeno, Danielle Magalhães, Bruna Mitrano, Luiz Guilherme Barbosa, Heitor Ferraz, Diego Vinhas, Tarso de Melo, Antônio Moura, Piero Eyben, Jarid Arraes, Heleine Fernandes, Paulo Ferraz, Carlos de Assumpção, Cuti (Luiz Silva), Lubi Prates, Conceição Evaristo, Nina Rizzi, Eliane Potiguara, Márcia Wayna Kambeba, Josoaldo Lima Rêgo, Reuben, Horácio Costa, Cláudio Oliveira, Natasha Félix, Helena Zélic, Tertuliana Lustosa, Catia Cernov, Bruno Domingues Machado, Pieta Poeta, Letícia Brito e Marcelo Diniz. Junto desses, acompanham as ilustrações dos artistas PV Dias, Marília Marz, Jean Matos, Thiago TeGui, Guilhermina Augusti, Marcelo D’Saete e Bea Corradi.

Em um primeiro momento, ressalta-se o fato de os textos escolhidos apresentarem uma pluralidade formal: há poemas em prosa em que prevalece o tom narrativo, como “Judith was only two minutes ago”, de Bruno Domingues Machado; poemas com forte influência da oralidade da língua, como “Das vezes que me tornei branca”, de Nina Rizzi, entre outros. Um outro fato se destaca: há uma presença expressiva de textos que falam de acontecimentos recentes da história do Brasil: “Toda sentença é um antipoema”, de Tarso de Melo, fala sobre a prisão de Rafael Braga, o jovem negro que foi preso por portar desinfetante em uma manifestação de 2013, e que virou símbolo da seletividade penal no país; “máscaras brancas”, de Helaine Fernandes, faz referência direta ao assassinato da família de Evaldo Rosa dos Santos; o poema “Em memória ao Índio Chico Solón”, de Eliane Potiguara, homenageia o índio assassinado por fazendeiros ingleses. Há, portanto, uma quantidade significativa de poemas que fazem referências diretas a

episódios bárbaros do nosso país, e que denunciam diretamente as opressões estruturais que assolam o país: o racismo, a homofobia, o machismo, entre outras.

É possível, ao longo da leitura da revista, identificar a presença mais ou menos espontânea de grupos de poemas que versam sobre as diferentes desigualdades que assolam o país, sejam elas marcadas por questões territoriais, de gênero, de raça ou outras (SCHWARCZ, 2019). Por exemplo, se destacam: “máscaras brancas”, de Helaine Fernandes; “Para não esquecer nº 8”, de Paulo Ferraz; “Protesto”, de Carlos de Assumpção; “Torpedo”, de Cuti; “Para este país”, de Lubi Prates; “Vozes-mulheres”, de Conceição Evaristo; “Das vezes que me tornei branca”, de Nina Rizzi, por denunciarem o racismo contra negros. Já nos poemas “Em memória ao Índio Chico Sólon”, de Eliane Potiguara; “Índio, eu não sou”, de Márcia Wayna Kambeba; “Eusébio”, de Josoaldo Lima Rego; “[/temporada de caça / ao índio ka’apor /]”, de Reuben, denunciam, por sua vez, o racismo sofrido pelos povos originários. Há também uma outra leva: os poemas “Nênia para o menino Alex André Moraes Soeiro”, de Horácio Costa; “[a cabeceira agora pertence à gisele]”, de Natasha Félix; “A sertransneja na cidade maravilhosa”, de Tertuliana Lustosa, denunciam a lgbtfobia.

Ainda nessa primeira edição, há uma presença expressiva de poetas ligados ao *Slam* e à poesia falada, como Natasha Félix, Letícia Brito, Pieta Poeta, com os poemas “[a cabeceira agora pertence à gisele]”, “O último poema”, “eu não uso chapéu”, respectivamente. Há nomes de poetas jovens (como Jarid Arraes, Helena Zelic), e de mais velhos e com uma obra mais consolidada (Conceição Evaristo, Carlos de Assumpção). Também é notória a quantidade de escritores escolhidos que ocupam o espaço acadêmico, sendo, em sua maioria, professores ou estudantes de instituições e universidades públicas do país. Em suma, *Poemas para ler antes das notícias* (2019) estreia um modelo de antologia de poesia em formato de revista e traz um panorama da poesia brasileira contemporânea através de um recorte bastante engajado e combativo – essa característica, por sua vez, dialoga com o desenvolvimento da hipótese de que a lírica brasileira atravessa um período de reaproximação com a preocupação ética e histórica – após um longo período em que foi percebida como *desengajada* (SALGUEIRO, 2018) – isto é, alheia aos acontecimentos factuais do Brasil.

Sobre essa hipótese debruçam-se as reflexões de Marcelo Ferraz de Paula (2024) e Gustavo Silveira (2015), que, de maneira semelhante ao presente estudo, também optam pela análise de antologias de poesia para sustentar tais argumentos. A noção de que a poesia brasileira recente tem se reaproximado de uma preocupação histórica é evidenciada por

Paula (2024), tanto na leitura que propõe da antologia *Golpe: antologia-manifesto* (2016), obra que possui como mote fundamental o evento político dado pelo *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, como pela leitura panorâmica de produções individuais e coletivas presentes na cena poética brasileira dos últimos anos. Tornam-se relevantes para o autor, para embasar a argumentação em torno de um possível reengajamento político da poesia, a produção de diversos poetas como Arnaldo Antunes e Carlito Azevedo, e esforços coletivos que se materializaram em antologias como a própria *Golpe: antologia manifesto* (2016), *Lulalivre - Lulalivro* (2018) e *50 poemas de revolta* (2020). De maneira similar, Gustavo Silveira também relaciona a organização de uma antologia – neste caso, a obra *Vinagre: uma antologia de poetas neobarracos* (2013), com a insurgência de uma poesia atenta ao momento político presente, em um raciocínio de que “o trabalho se liga a uma sequência articulável de livros e poemas que, no curso da última década, construíram e compartilharam textos que são atravessados pela imaginação política que, de modo semelhante, percorre também a antologia” (SILVEIRA, 2015, p. 167).

A opção de reunir poemas engajados e combativos é mantida pelo organizador do segundo volume da revista, o também poeta Tarso de Melo. As *Antologias poéticas* da Revista Cult têm a ideia de interação e relação como primordiais para a sua concepção: cada poema constrói um sentido com a ilustração que o acompanha em cada página; cada poema se relaciona com o poema seguinte, com o poema que o antecede, e com todos os outros da revista. Cada volume da revista, ainda, tece uma relação com o conjunto de volumes que compõem a série de antologias.

Em novembro de 2019, foi publicada a segunda antologia poética pela *Cult*, *Quando a delicadeza é uma afronta*, organizada pelo poeta Tarso de Melo. A publicação de um segundo volume da revista já aponta, implicitamente, para um sucesso, ou no mínimo, uma boa repercussão da primeira, e isso se reafirma pelo fato de que, em geral, o tom da primeira revista se mantém na segunda: prevalece a parceria entre palavra e imagem, desenho e ilustração, além da predominância de poetas vivos e que ainda não possuem uma obra consolidada. A quantidade de poetas (e de seus respectivos poemas) e de artistas contemplados equivale ao da primeira edição, totalizando 31 poetas: Adelaide Ivánova, Alberto Pucheu, Ana Estaregui, Ana Martins Marques, Andreev Veiga, Bianca Gonçalves, Carlos Augusto Lima, Casé Lontra Marques, Chantal Castelli, Dalila Teles Veras, Diana Junkes, Edimilson de Almeida Pereira, Eduardo Sterzi, Fabiano Calixto,

Fabrício Marques, Fernanda Marra, Izabela Leal, Jeanne Calegari, Júlia Studart e Manoel Ricardo de Lima, Leonardo Fróes, Leonardo Gandolfi, Luci Collin, Luna Vitrolira, Marcelo Ariel, Marcelo Montenegro, Matheus Guménin Barreto, Micheline Verunschik, Renan Nuernberger, Reynaldo Damazio, Sara Síntique e Simone Brantes. A cargo do espaço visual, figuram: Leandersson, Julia Coppa, Jade Marra, Amanda Copstein, Karen Hofstetter, Marcela Cantuária, Elisa Carareto e Mayra Martins Redin.

O segundo volume das *Antologias Poéticas* em formato de revista da Cult mantém o tom combativo e participativo inaugurado pelo primeiro – todavia, aqui esse engajamento se faz por caminhos menos diretos. O título da antologia, *Quando a delicadeza é uma afronta* (2019), já entrega alguma surpresa aos leitores ao colocar lado a lado duas palavras de entendimento comumente opostos: “delicadeza” e “afronta”. Se, por um lado, algo delicado é entendido como frágil e suave, o substantivo “afronta” divide o mesmo campo semântico de palavras como “brutalidade”, “ofensa”, “ataque”. É desse aparente desencontro que se erguem os poemas da antologia, que nos mostram que os modos de resistir são múltiplos e muitas vezes pouco óbvios, e que, portanto, as possibilidades de elaboração poética sobre esses modos de resistência também o são. Essa leitura da revista é corroborada pelo próprio curador, o poeta e ensaísta Tarso de Melo, em “Editorial”:

Se Pucheu reuniu “poemas para ler antes das notícias”, minha intenção aqui, em complemento ao gesto dele, é convidar o leitor a experimentar outras formas de abrir a janela do dia, do tempo, da vida, apresentar poemas que, das maneiras variadas, demonstram que nossa fragilidade pode ser sempre uma forma de acusação - que toda delicadeza é uma afronta à brutalidade circundante, um respiro corajoso contra tudo que é asfixiante. [...] Se, por um lado, aplaudo o vigor com que os poetas do nosso tempo têm reagido, sem rodeios, aos desafios e aos ataques que a democracia vem sofrendo neste país, por outro me anima muito perceber que, ao expor algumas “fragilidades” que, sob um olhar distraído, nada parecem dizer sobre a violência que nos cerca, se revela uma outra forma de resistência. (MELO, 2019, p. 4-5)

De maneira geral, os poemas dessa antologia giram em torno de algumas temáticas: o cotidiano, o tempo, o microcosmo, os objetos, a vida afetiva, a reflexão metalinguística.

Em “O lavador de pratos”, de Andreev Veiga, assim como em “As faxineiras do edifício”, de Dalila Teles Veras, encontramos um olhar sensível para a rotina cotidiana de duas profissões precarizadas. Tanto o poema “O amor”, de Luna Vitrolira, quanto “Poema não de amor”, de Ana Martins Marques, tentam encontrar meios não convencionais de dizer sobre esse afeto: enquanto, no primeiro, a poeta diz que “amor às vezes é isso / uma panela fervendo / no rosto de alguém querido”, no segundo, a poeta diz: “enquanto no amor não deve valer a lei do mais forte / nem mesmo a do mais forte amor”. É possível ler a revista com o “olhar distraído”, mencionado por Tarso de Melo, e perder a dimensão coletiva do poema “Terapia dos Brotos”, de Leonardo Fróes, que transforma o ciclo das plantas e dos alimentos em um símbolo de luta e resistência política. Os primeiros versos já contrapõem a instabilidade da época (o poema foi publicado inicialmente em *Argumentos invisíveis* (1998)) com o ciclo regrado da colheita dos alimentos: “Nesse tempo de incertezas / confiscos e estripulias / o chuchu já está brotando / em menos de cinco dias”.

Luiz Guilherme Barbosa (2020) – poeta que participou do primeiro volume da antologia – publicou uma pequena crítica acerca da antologia *Quando a delicadeza é uma afronta* (2019), na revista *Desvio*, em que aponta para as temáticas aqui citadas e suas relações com o contexto extraliterário da antologia:

Entre o vigor sem rodeios e as fragilidades expostas que marcam a poesia contemporânea, Tarso de Melo opta, no segundo número da antologia poética da *Cult*, por essa outra forma de dizer “sobre a violência”, em que “silêncio”, “carinho”, “cuidado” e “amor” operem também como convites para os leitores submergirem nos livros de poesia dos poetas publicados. [...] Isso significa que a seleção dos poetas e dos poemas, sendo um comentário às relações de violência que organizam a sociedade brasileira, deseja torcer a referência à barbárie ao ponto de elaborar alguma língua comum – uma poesia – para a convivência entre cidadãos desarmados pela linguagem. (BARBOSA, 2020)

Já o terceiro volume das *Antologias Poéticas da Cult* se intitulou *Poemas para fazer o luto desse tempo* (2020). Organizado pela poeta Danielle Magalhães, foi publicado em novembro de 2020 e abriga 20 poemas/poetas e 5 artistas visuais. A revista foi organizada e publicada durante a pandemia do coronavírus, logo, possui uma confluência com

um momento histórico sombrio na história do Brasil. A curadora dos poemas realiza uma delimitação temática bastante clara na escolha dos textos que compõem a revista: são poemas que falam sobre a pandemia de covid-19 e escritos durante a pandemia de covid-19. Diante disso, os poemas versam sobre os diferentes desafios que se desdobraram com o surgimento da pandemia – e também sobre aqueles que foram acentuados por ela, como a desigualdade social. A imposição do isolamento social como forma de contenção do vírus, a convivência exacerbada com o ambiente doméstico, o convívio diário com a morte e o enfrentamento de um estado de calamidade pública inscrita localmente no Brasil são alguns dos cenários descritos pelos poetas selecionados por Magalhães.

No texto de apresentação, a poeta-curadora situa historicamente o Brasil de novembro de 2020, lugar e tempo em que os textos faziam abrigo: “o Brasil chega a quase cento e sessenta mil mortes. [...] O Brasil já passa de cinco meses sem Ministério da Saúde” (2020, p. 06). A antologista ainda afirma categoricamente que “os poemas desta antologia dizem respeito às violências históricas e diárias que acontecem no Brasil” (2020, p. 06).

Chama também atenção o fato de que o projeto gráfico do terceiro volume das *Antologias Poéticas* destoa daquele proposto nos dois primeiros volumes. No primeiro e no segundo volume as ilustrações são dispostas ao lado dos poemas, nesta, porém, as imagens são impressas no verso de uma folha inteira. Desse modo, as ilustrações não formam mais pares com os poemas e podem ser retiradas da revista para serem usadas como pôsteres. O leitor, ao retirar os grampos que unem os cadernos no miolo da revista, ganha uma coleção de 15 pôsteres de 5 artistas diferentes (Marcela Cantuária, Pegge, Paolo Ridolfi, Paula Puiupo e Medoedemencia). A revista é pensada como um objeto que pode ser inteiramente aproveitado, seja pelo seu uso mais tradicional (a leitura dos poemas), ou pela dissolução do objeto e sua consequente transformação em uma coleção de pôsteres. Se no primeiro e no segundo volumes os poemas e as ilustrações são dispostas em um esquema colaborativo (em que uma obra adensa o sentido da outra), a partir do terceiro volume as ilustrações disputam o espaço das folhas junto dos poemas.

Sobre os poetas escolhidos, do ponto de vista formal, destaca-se a presença do cordel de Caio Meneses, intitulado “O Brasil da pandemia ou a sátira do bem viver”, e do poema concreto de Augusto de Campos, cujo título é “Mensagem numa garrafa”. Ao todo, os 20 poetas que aparecem na antologia de *Poemas para fazer o luto desse tempo* (2020) são: Eliane Fernandes Marques, Mar Becker, Carlos Orfeu, Moisés Alves, Marcelo Labes,

Isabela Penov, Adriane Garcia, Tatiane Nascimento, Abigail Campos Leal, Miriam Alves, Cristiane Sobral, Jennifer Trajano, Karina Kambeba, Farney TOurinho de Souza Kambeba, Guilherme Gontijo Flores, Lian Tai, Valeska Torres, Caio Meneses, Samara Poetax, Augusto de Campos.

Em 2021, foi lançada a quarta e última edição das *Antologias Poéticas*, com organização sob os cuidados do poeta Edimilson de Almeida Pereira. O título da revista, *Sob um sol escuro também se escreve* (2021) mantém o diálogo com as edições anteriores. Os 28 poetas selecionados se apresentam com o fio-condutor da vontade de resistir em meio a um ambiente hostil. Nas palavras do curador: “Sob as nuvens do autoritarismo político e da crise sanitária causada pelo vírus da Covid-19, pretendia-se ver a escrita como um ato de não desistência do humano.” (PEREIRA, 2020, p. 06).

Diante do exposto, cabe afirmar que os quatro volumes das *Antologias Poéticas* da *Cult* (*Poemas para ler antes das notícias* (2019), *Quando a delicadeza é uma afronta* (2019), *Poemas para fazer o luto desse tempo* (2020) e *Sob um sol escuro também se escreve* (2021)) apresentam não só um panorama poético da poesia brasileira atual, mas também um panorama político – na medida em que acompanham, denunciam e expõem os acontecimentos históricos do país no intervalo de tempo de suas publicações.

AN OVERVIEW OF CULT MAGAZINE’S POETIC ANTHOLOGIES IN MAGAZINE FORMAT

ABSTRACT

Considering the organization of anthologies as one of the possible critical gestures in cultural journalism, this article focuses on the anthologies published by *Cult* in magazine format, namely: *Poemas para ler antes das notícias* (2019), *Quando a delicadeza é uma afronta* (2019), *Poemas para fazer o luto desse tempo* (2021) and *Sob um sol escuro também se escreve* (2022). Each one being organized by a different poet/anthologist, the collection of magazines is inserted into a larger universe of anthologies that appear as interventions in the recent political scenario, despite of – in this case – having a common political interest.

KEYWORDS: Brazilian poetry. Anthologies.

RESUMEN

Considerando la organización de antologías como uno de los posibles gestos críticos dentro del periodismo cultural, este artículo se centra en las antologías en formato revista publicadas por Cult, a saber: *Poemas para ler antes das notícias* (2019), *Quando a delicadeza é uma afronta* (2019), *Poemas para fazer o luto desse tempo* (2021) y *Sob um sol escuro também se escreve* (2022). Cada una organizada por un poeta/antólogo diferente, la colección de revistas forma parte de un universo más amplio de antologías que aparecen como intervenciones en el escenario político reciente, a pesar de tener – en este caso – un interés político común.

PALABRAS CLAVE: Poesía brasileña. Antologías.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Ivana. A contribuição do jornalismo para as crônicas de Clarice Lispector. *Comunicação & Informação*. v. 11, n. 1, p. 80–89, 2009.

BARBOSA, Luiz Guilherme. Sobre “quando a delicadeza é uma afronta”. *Revista Desvio*. 2020.

CALIXTO, Fabiano; TOSTES, Pedro (org.). *Vinagre: antologia de poetas neobarracos*. São Paulo: Edições V de vândalo, 2013.

CULT #3. *A poesia visceral de Ferreira Gullar*. São Paulo. 1997.

CULT #4. *Arnaldo Antunes: 2 ou + corpos no mesmo espaço*. São Paulo. 1997.

CULT #5. *Clarice Lispector: há 20 anos morria a maior escritora brasileira*. São Paulo. 1997.

CULT #256. *Especial Clarice Lispector*. São Paulo. 2020.

FREIRE, Marcelino; ASSUNÇÃO, Ademir (org.) *Lulalivre / Lulalivro*. São Paulo: Perseu Abramo, 2018.

FRÓES, Leonardo. *Argumentos invisíveis*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1995.

MAGALHÃES, Danielle (Org.). *Antologia poética: poemas para fazer o luto desse tempo*. São Paulo: Editora Bregantini, v. 3, 2020.

MELO, Tarso de (Org.). *Antologia poética: Quando a delicadeza é uma afronta*. São Paulo: Editora Bregantini, v. 2, 2019.

NINA, Cláudia. *Literatura nos jornais: a crítica literária dos rodapés às resenhas*. São Paulo: Summus Editorial, 2006.

PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). *Antologia poética: Sob um sol escuro também se escreve*. São Paulo: Editora Bregantini, v. 4, 2021.

PAULA, Marcelo Ferraz de. Poesia em tempos de crise: uma leitura de Golpe: antologia-manifesto. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, (70). 2024. Recuperado de <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/52592>.

PUCHEU, Alberto (Org.). *Antologia poética: Poemas para ler antes das notícias*. São Paulo: Editora Bregantini, v. 1, 2019.

RÜSHE, Ana et al. *Golpe: antologia-manifesto*. São Paulo: Punk Pôneis. 2016.

SCHWARCZ, Lilia. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVEIRA, Gustavo Ribeiro. A noite explode nas cidades. Três hipóteses sobre Vinagre: uma antologia de poetas neobarracos. *Outra Travessia*, v. 20, p. 165-183, 2016.

SALGUEIRO, Wilberth. Notícia da atual poesia brasileira: - dos anos 1980 em diante. In: SALGUEIRO, Wilberth. *Poesia brasileira: violência e testemunho, humor e resistência*. Vitória: Edufes, 2018. P. 14-37.

TONON, Elisa. *Configurações do presente: crítica e mito nas antologias de poesia*. 2012. 100 folhas. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Centro de comunicação e expressão, Programa de Pós-graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

VÁRIOS. *50 poemas de revolta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Submetido em 20 de dezembro de 2023

Aprovado em 22 de maio de 2024

Publicado em 30 de maio de 2024
